

Quando sinto saudade de Renato Cohen releio o ensaio de Susan Sontag sobre Antonin Artaud. Talvez porque a ensaísta fale de Artaud como o xamã de uma viagem espiritual feita por todos nós. Para mim, Renato também foi o xamã de uma jornada arriscada pelos territórios movediços da arte contemporânea. Mergulhado até o pescoço na cena performativa, sofrendo os mesmos sobressaltos de seu objeto, transformou o perigo em gênese da criação. Por isso, viveu tão pouco e com tanta intensidade.

Além de estudioso e teórico da *performance*, o maior entre nós, foi um artista pioneiro no uso da multimídia, das instalações, da teatralidade, da dança e das artes plásticas para uma prospecção mais funda, feita em direção às lonjuras da metafísica. No seu caso, desconstruir a cena não tinha por objetivo chegar à vida, mas ao “corpo numinoso” da manifestação teatral, à sua qualidade sensível e anímica. A opção pelo irracional e o apelo ao inconsciente foram tentativas desesperadas de acesso àquilo que, em sua criação, podemos chamar de alma.

Talvez por isso tenha enveredado pelos caminhos difíceis da arte da *performance*. A exposição do eu, a fala disforme, o gesto avesso, o espaço disjunto, a colagem estranha compuseram as vicissitudes de uma cena que recusava a forma acabada e fazia sua ontologia no território obscuro da subjetividade. Sem discernir a teoria da prática do teatro, fazia seu trabalho em proveito da hibridação de conteúdos e gêneros e da emergência de soluções provisórias, que se manifestavam para se desfazer num movimento imprevisível que, em muitos sentidos, tinha semelhança com a teoria do caos. Quem assistiu a seus espetáculos sabe do que se trata. Em todos eles, desde o belo e intrigante *Espelho vivo* até a desnorteante *Viagem a Babel*, era inevitável embarcar na luta do artista para alcançar o sublime que, como bem disse [Jean-François] Lyotard, sempre se esquia como um empuxo da formalização.

A impossibilidade de fazer arte e a teima em fazê-la foi o tópos de construção da vida de Renato Cohen. Quem teve o privilégio de acompanhá-lo nesse *work in progress* sabe dos riscos que correu. E reconhece a grandeza do que criou.

⁴³ Texto gentilmente escrito por Silvia Fernandes para a exposição apresentada no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-Unesp) durante a realização do evento que origina esta publicação.